

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio do Estado*

Class.: 34

Data: 16.02.82

Pg.: \_\_\_\_\_

# Índios: Funai fecha as portas a Terenas

*a saga do índio que sai da reserva para buscar comida, saúde e trabalho na cidade*

Ao longo deste século, o Brasil, talvez mais que qualquer outro país da América Latina, ergueu para si uma bem merecida reputação de destruidor de tradições indígenas. No Mato Grosso do Sul até bem pouco tempo atrás os problemas dos índios Terenas passavam quase que despercebidos, em função de falta de um órgão específico para defender os interesses da comunidade indígena, já que os próprios índios acusam a Funai - Fundação Nacional do Índio - de nada fazer para melhorar a situação das tribos e trabalhar em função de si própria. Com a criação da União das Nações Indígenas - 19 de abril de 1.980 - que reuniu em Aquidauana, há 120 quilômetros de Campo Grande, 60 chefes de todas as nações indígenas do País, é que as denúncias foram surgindo. Apesar disso até hoje nada foi feito, nenhuma providência foi tomada e duas reservas existentes no Estado - Taunay e Ipeg - ambas a cerca de 65 quilômetros de Aquidauana enfrentam hoje problemas gravíssimos de sub-nutrição, doenças - inclusive venéreas - e falta de terras para expansão das tribos que crescem demograficamente de modo descomunal e incontrolável.

Triste, sem demarcações a reserva de Taunay é a primeira escala das diversas tribos que abrigam atualmente cerca de dez mil índios, na sua grande maioria jovens na faixa etária de zero a seis anos, 40 por cento da população. O resto divide-se entre velhos e adultos de idade média entre 15 a 40 anos. A estrada que leva às reservas parte da rodovia ligando Miranda a Aquidauana. Ingreme e cinzenta ela serpenteia entre vasta vegetação de cerrado, como a se esquivar da violência dos homens. Por ali é que passam alguns pequenos carregamentos de bananas, mamão, mandioca e goiaba, que nas épocas de melhor safra os índios vendem nos lugares mais próximos.

Os índios já conseguiram uma primeira vitória - a preservação dos seis mil e poucos hectares de terras das reservas - mas essa vitória custou muito sacrifício e até uma vida - um índio que saiu fora dos limites da reserva para caçar foi morto em circunstância misteriosa - e poderá custar ainda mais, já que é visível o medo, a tensão, pois ali eles são obrigados a conviver com as suspeitas de que sempre tem alguém disposto a invadir e roubar a terra do índio, que, talvez, guarde em suas entranhas algumas riquezas minerais.

"As nações indígenas estão

sendo espremidas pelo homem". Assim Vocifera o presidente da União das Nações Indígenas e do Conselho Tribal, Domingos Marcos Veríssimo, o M'hi - como é conhecido e chamado pelos índios - ao falar sobre os problemas de sua gente. É ele, aliás, quem conta que as reservas do Mato Grosso do Sul padecem de falta de terras, alimentação e tratamentos médicos, acusando ainda a Funai de omissão nos problemas mais comecinhos da comunidade indígena do Estado. "O índio não vive, sobrevive", alega ainda o grande chefe, respeitado e amado por todas as tribos.

Atualmente ninguém entra na reserva sem antes fazer uma identificação completa. Não existem muros altos ou cercas de arame farpado e muito menos cancelas ou portões de aço, mas a entrada é sempre guardada e vigiada pelos indígenas. O acesso à imprensa é restrito ao máximo. Segundo os índios essa proibição vem da Funai, que quer impedir o índio de falar, sobre o pretexto de que jornalistas têm o hábito de distorcer informações. "Mas quando o índio fala é porque não aguenta mais", alerta Domingos Veríssimo, o M'hi. Na verdade o que a Funai está querendo é esconder a realidade das aldeias indígenas, hoje das mais graves.

### MÉDICO DE FÉRIAS

A Funai até contratou um médico para prestar assistência médica ao índio das reservas, mas ocorre que esse profissional, que é uma mulher, dr.<sup>a</sup> Clarisse Maria Magalhães, vai apenas duas vezes por ano até a reserva e apenas para fazer estatísticas e levantamentos. Ela sequer mora em Aquidauana, preferindo as agitações da Capital - mora em Campo Grande - ao esmaecimento do interior. Agora por exemplo ela goza de período de férias, assim como o delegado regional da Funai, coronel Amaro Barbietas Ferreira. Enquanto isso as comunidades indígenas se debatem com problemas sanitários dos mais comuns, como a verminose, que afeta pelo menos 80 por cento das reservas.

O salário da Funai à dr.<sup>a</sup> Clarisse Magalhães não faz com ela se digne a visitar pelo uma vez por mês as tribos e muito menos fazer os necessários tratamentos recuperativos ou preventivos. Segundo M'hi nas épocas de calor as crianças são afetadas pela desidratação e geralmente têm que ser medicadas pelos costumes tradicionais, já que um tratamento médico só pode ser conseguido em Aquidauana - já houve casos de mortes por falta de assistência médica.

Diz, ainda, Domingos Veríssimo, que os remédios que chegam às aldeias, só são conseguidos, porque a UNI trabalha para consegui-los, pedindo a uma e outra autoridade, até mesmo aos amigos dos índios. Os atendentes de enfermagem que servem às aldeias mal têm o primeiro grau, a maioria nem chega passar da quinta série. Um dos grandes males sanitários hoje é a doença venérea. Grande parte da população indígena é portadora dessas doenças transmissíveis. E acontece aí, também, um fato curioso: houve caso de filhos contaminarem os pais. Essa questão até já foi levada ao conhecimento da 9.<sup>a</sup> Delegacia Regional da

Funai, sediada em Campo Grande, mas nenhuma providência foi tomada.

### EVASÃO DAS RESERVAS

O índio está suicidando suas tradições. Com elas morrem também os anseios de uma nação forte e unidade em favor da preservação da raça. Segundo o M'hi, a grande culpa disso está na falta de providência no sentido de se dar ao índio aquilo que ele necessita para viver. Tudo começou no início do século, por volta de 1.912, com a chegada das missões americanas católicas que fizeram uma revolução nos costumes indígenas. "O índio tem o seu próprio Deus", observa o M'hi, "não precisamos de interferências de outras civilizações.

Hoje o índio é obrigado a sair da reserva se quiser conseguir alguma coisa. O índio está passando fome e ocorre a cidade para minimizar essa situação. A partir daí começam os problemas de desvirtuamento dos costumes. Isso fez, inclusive, que dentro da reserva existam hoje índios ricos e pobres, um dos piores legados da civilização do homem "branco" ao índio. E aconteceu porque o índio foi obrigado a arrumar emprego para ganhar a vida e assim ganhou presentes, dinheiro e estabeleceu-se a diferença de classes dentro das tribos.

M'hi reclama também que o índio não pode viver só na aldeia, mas se sair dela, arruma trabalho é documentado e coisas do gênero, acaba perdendo os parques benefícios oferecidos pela Funai, a que são obrigados a prestar obediência. Se o índio se emancipa perde todos os direitos de ser índio e não goza mas da "proteção" oficial. Hoje, mesmo com a luta das lideranças indígenas pela preservação da língua terena e de algumas atividades como o artesanato, o índio está perdendo suas tradições.

## Cresce população diminui a reserva

As reservas de Taunay e Ipeg, com seus mais de seis mil hectares de terras, estão localizadas em área entre os municípios de Aquidauana e Miranda, a 65 quilômetros da primeira. As pessoas desses municípios já se habituaram a observar índios fazendo pequenos mascates à beira da estrada ou na própria cidade, onde quando têm que dormir são obrigados a pousar nas calçadas da Estação Ferroviária. Normalmente eles se deslocam de trem, pois pela estrada o acesso é muito difícil. Não existe nenhuma entidade de assistência e proteção ao índio nesses municípios.

Do total de terras de que dispõem os índios terenas não podem usar a maior parte para plantação. A caça e a pesca também estão praticamente escassas na região. Com exceção de 500 a 600 hectares de terras férteis, o resto da área é formado por terreno arenoso, matas, brejos e pedregulhos. A preocupação do chefe M'hi é com o futuro das reservas, pois o crescimento demográfico é muito grande e ele teme uma explosão populacional. São cerca de dez mil índios divididos em 40 aldeias espalhadas ao longo das reservas de Taunay e Ipeg. Não bastasse o problema de saúde, existe a falta de espaço para plantar. As lavouras hoje são escassas e o que os índios plantam mal dá para o sustento interno das tribos. A Funai praticamente não toma conhecimentos da situação, relegando o índio a um plano fora de sua área de ação.

### PRESSIONADOS POR FAZENDEIROS

"Todas as nações indígenas estão sendo espremidas pelos fazendeiros e pela Funai. A pouca terra

está obrigando o índio a sair para as cidades à busca de outros meios de sobrevivência. Além disso nós não temos nada", diz o M'hi, "a Funai não se interessa nem de providenciar escolas e ambulatórios bem equipados para a reserva. Se alguém passa mal não temos nem como levar para a cidade, porque não dispomos de uma ambulância ou qualquer viatura especialmente para isso".

As reservas já têm um representante na Câmara Municipal de Aquidauana, o vereador Jair de Oliveira, que até hoje nada fez em favor de sua gente. Nenhum dos pedidos feitos pelos índios foi providenciado por ele. Atualmente eles preferem não pedir mais nada, trabalham duro a terra e plantam somente a alimentação básica, arroz, feijão miúdo, mandioca, abóbora e milho, além de algumas frutas.

Os recursos são bastante limitados e normalmente o índio não tem dinheiro para quase nada. O pouco que ganham com a venda de alguns artesanatos, são gastos em outros gêneros alimentícios, como café e açúcar ou então com medicamentos. Segundo o M'hi não se sabe como o índio terena fará para sobreviver no futuro, já que a cada dia que passa a situação se agrava e ninguém toma uma providência sequer para apoiar a comunidade.

Não é fácil. A situação está cada dia mais difícil. O momento atual é de apreensão. Ninguém sabe o que esses índios serão capazes para sobreviver. Até agora eles têm se mantido em posição de espera, são calmos, não roubam e nem cometem qualquer outro tipo de delitos. Mas a verdade é que a pressão do homem sobre eles é muito forte e é impossível saber até onde o índio pode aguentar.